

Resgate NO mar

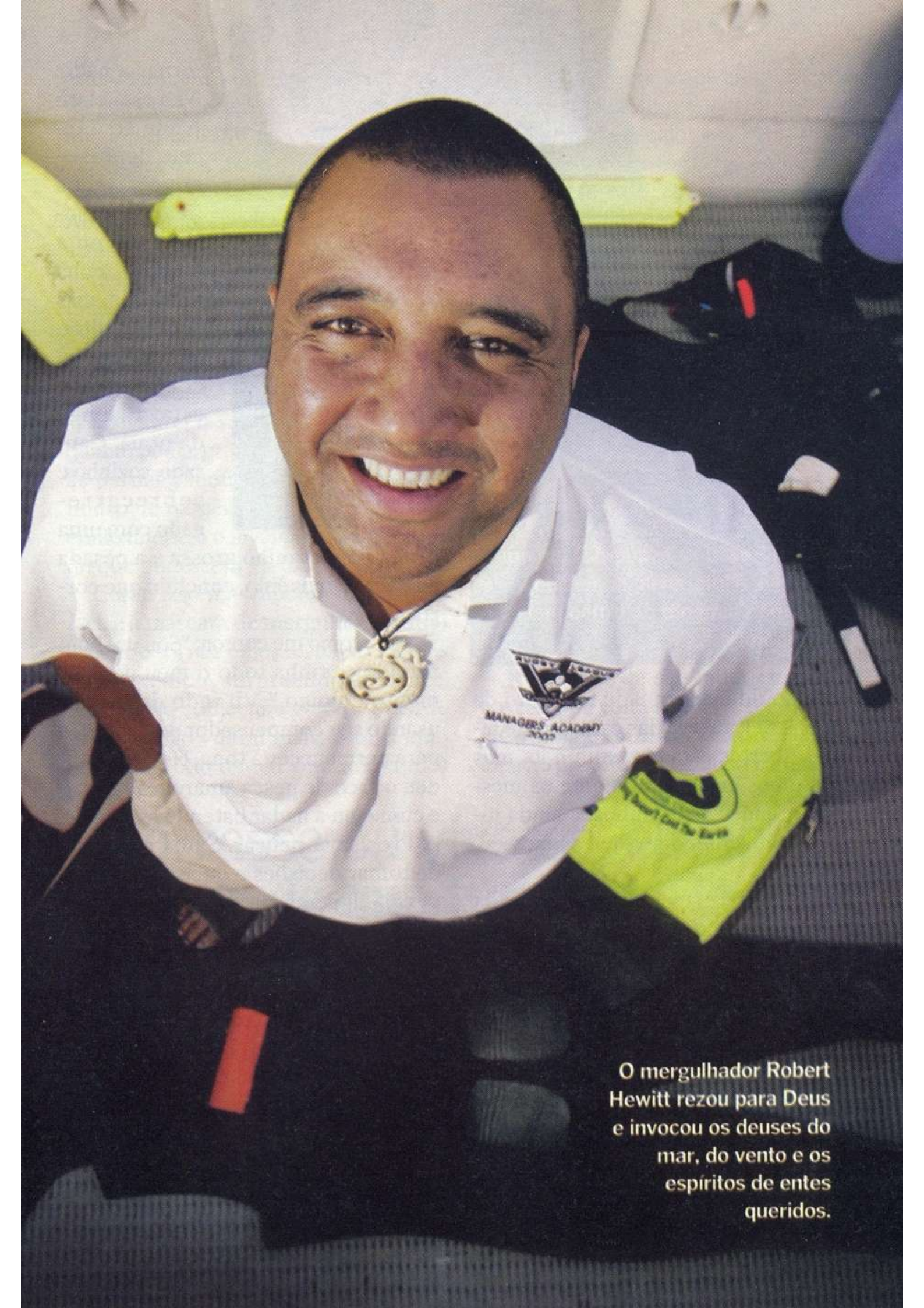
À deriva, sem que os aviões de resgate o localizassem, ele tinha pouca chance de sobreviver

POR LEAH HAINES

UM VELHO DITADO maori diz que você pode morrer como um polvo, se entregando assim que é capturado, ou como um tubarão, se deba- tendo e lutando até o fim. Ano passado, o mergulhador neozelandês Robert Hewitt decidiu que não morreria como um polvo. Perdido no mar por quatro dias, as probabilidades contra o maori de 38 anos eram grandes. Enquanto as equipes de busca declaravam não ter esperança de encontrá-lo vivo nas águas ao norte do Estreito de Cook, Hewitt descobriu uma determinação que poucas pessoas conhecem. Aqui, ele narra o seu drama e revela o que o fez suportar tudo aquilo.

Quando encontrei Robert Hewitt, sete semanas após seu salvamento, ele guardava pouca semelhança com o homem inchado, enfraquecido e queimado de sol que foi





O mergulhador Robert Hewitt rezou para Deus e invocou os deuses do mar, do vento e os espíritos de entes queridos.



Norm Hewitt (à esquerda) em uma coletiva à imprensa, depois do desaparecimento do irmão mais velho Robert.

retirado do mar em 8 de fevereiro de 2006. As cicatrizes das centenas de feridas abertas estavam sumindo, mas seus olhos eram exatamente os mesmos: grandes e castanhos, e ainda lutando para entender o que aconteceu.

TUDO COMEÇOU quando o veterano da Marinha com 20 anos de experiência saiu para um mergulho de rotina na costa da Ilha Mana, a noroeste de Wellington, em uma tarde de domingo. Hewitt estava na água havia algum tempo e tinha pego uma bela rede de lagostins, quando decidiu dar o trabalho por encerrado. Gritou ao seu companheiro de mergulho para indicar que estava voltando. Como estavam a apenas 200 metros da praia, decidiu re-

tornar a nado. Não está claro o que aconteceu depois – talvez tenha ficado desorientado ou a corrente tenha mudado –, mas Hewitt voltou à tona e se deu conta de que estava longe da praia. Cansado, sozinho e sobrecarregado com uma

roupa de mergulho grossa e a pesada garrafa de oxigênio, concluiu que corria perigo.

Mas, como me contou: “Sou um bom nadador e tinha todo o meu equipamento comigo.” Virando de costas, usando seu compensador de flutuação para permanecer à tona, Hewitt prendeu o saco de pesca amarelo ao corpo e começou a nadar batendo as pernas.

Precisava pensar. Sabia que teria de tomar decisões e que sua sobrevivência dependeria de tomar as decisões certas. A primeira era não entrar em pânico. Disse a si mesmo: *Alguém virá, apenas espere.*

Mas ninguém veio. Três horas se passaram e não havia sinal de socorro. Hewitt agora era obrigado a tomar uma segunda decisão. Deveria tentar nadar até a praia? Com a maré contra ele, era pouco provável que conseguisse. Além disso, não queria abandonar o saco de pesca e a garrafa de oxigênio.

Ele também sabia que o último alimento que comeria fora uma rosquinha e um bolinho no café-da-manhã. Para sobreviver, teria de preservar suas reservas de energia. Decidiu esperar. Ainda boiando, podia sentir a corrente arrastando-o mar adentro.

O sol estava prestes a se pôr quando finalmente avistou um avião ao longe. Percebeu o padrão do vôo em zigue-zague e se deu conta de que o procuravam. Ficou bastante animado.

“Levantei o saco de pesca tão alto quanto podia, gritando e tentando bater as pernas”, lembra-se Hewitt. “O cilindro de oxigênio era de cor laranja, então também o levantei, na esperança de que pudessem vê-lo.”

Como isso não funcionou, pegou a faca e a máscara de mergulho e tentou refletir o sol nos olhos do piloto. Depois de um tempo, surpreendentemente, viu o avião começar a voltar. “Mas, de repente, não voltou mais. Estava indo embora. Todo o meu *wairua* (ânimo)

aos deuses do mar e do vento”, diz ele. Então, algo aconteceu. “De repente, uma sensação de calor passou por mim e, morresse ou vivesse, sabia que tudo ficaria bem.”

Na escuridão total, Hewitt se acomodou em um ritmo de nado, deitado de costas e cochilando por 30 segundos de cada vez – e todas as vezes acordava engasgado, pensando que se afogava, enquanto as ondas lhe cobriam e a água salgada lhe enchia a garganta. A cada duas horas, gritava uma mensagem para seus entes queridos, tentando manter a mente focada.

“Gritava ‘Amo você, Rang!’ (sua companheira Rangī Ngatai). Amo as crianças. Adoro mamãe e papai. Apenas gritar seus nomes me animava, assim eu vencida a hora seguinte e a outra e a outra.”

Na manhã de segunda-feira, o sol nasceu por volta das 5h, e o ânimo de Hewitt melhorou novamente. Deu um tapa no próprio rosto, olhou para a água

“Morresse ou vivesse, eu tinha certeza de que tudo ficaria bem.”

despencou na mesma hora.” O avião desapareceu por volta das 19h.

Quando a noite caiu, as ondas haviam alcançado um metro de altura e Hewitt podia ver as luzes acesas nas casas em terra firme. Calculando que estivesse a cerca de 12 quilômetros da costa, percebeu que passaria a noite sozinho na água fria e escura. Começou a rezar. “Primeiro, pedi a Deus, depois

e, dando-se conta de que ainda estava vivo, ficou cheio de alegria. *Hoje serei resgatado, pensou. Consegui passar pela noite, agora alguém vai me achar.*

Mas Hewitt estava sofrendo fisicamente. Seu corpo machucado gritava por água e ele começou a ter ânsias de vômito. Soltou o regulador de oxigênio na frente do rosto e lambeu a umidade do interior da garrafa, o que lhe

trouxe alívio à língua inchada e à garganta irritada.

Embora fosse o Dia de Waitangi, dia nacional da Nova Zelândia, as esperanças de ser encontrado por barcos de lazer foram frustradas pelo mau tempo. Um vento sul aumentara as ondas para cerca de dois metros. “O vento e as ondas estavam acabando com minha energia”, diz ele.

Então decidiu comer o que pescara. Abriu um ouriço-do-mar com a faca e comeu a carne. Depois se obrigou a comer um dos outros mariscos do saco. “O gosto era muito ruim, mas comi.”

Ondas gigantescas na arrebentação agora o afastavam da terra firme. O

a primeira de muitas alucinações. Em uma delas, imaginou que tinha chegado à praia em Otaki, ao norte, e que planejava andar até a casa de um amigo. Em outra, chegara à praia em Waikanae e estava na delegacia falando com os policiais.

“Imaginei que pedia a eles um pouco d’água. Em outro sonho, fui até um posto de gasolina e disse ao atendente ‘não tenho dinheiro, mas posso beber algo, por favor?’. Em todas as alucinações, jamais consegui beber alguma coisa!”

Na manhã de terça-feira, terceiro dia no mar, Hewitt pensou que estava a cerca de 7 quilômetros da Costa de

“Pedia algo para beber. Em todas as alucinações, não bebi nada.”

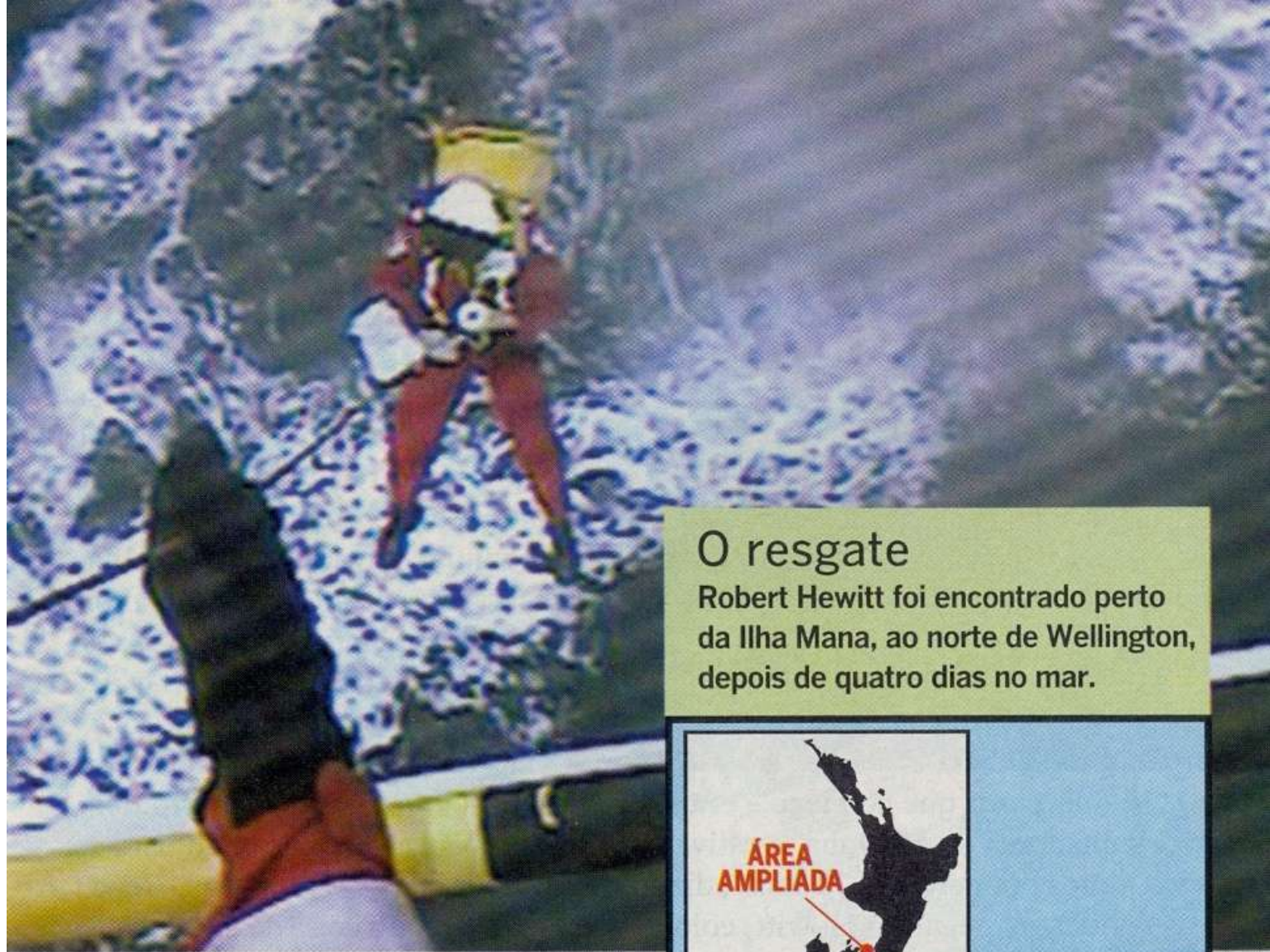
pensamento de que ia cada vez mais em direção ao mar aberto era desanimador, mas Hewitt sabia que não podia lutar contra o mar. Lembrando o velho ditado maori sobre o polvo e o tubarão, decidiu que se essa era a hora de morrer, terminaria como um tubarão.

Conforme o dia passava, Hewitt se viu rezando pela chegada da noite, quando o mar estaria mais calmo. E quando o sol se pôs, ele realmente se sentiu melhor do que na noite anterior. Provara que podia sobreviver. E passou a mexer os dedos das mãos e dos pés, a movimentar a cabeça e os braços – pequenos truques que aprendera na Marinha. Mas a desidratação começava a se manifestar. Nessa noite, teria

Kapiti, a noroeste de Wellington. “Pensei, *é hoje*. Vou conseguir. Vou nadar até Kapiti.” Mas não percebeu o quanto o sol esgotaria sua energia. “Era um lindo dia, lindo até demais: nem uma nuvem no céu”, recorda ele.

Começou a nadar em direção à praia, o sol rachando-lhe a pele. Mas, toda vez que avançava, virava de costas e o sol lhe batia no rosto fazendo com que adormecesse. “Eu me senti decepcionado comigo mesmo. Achei que estivesse muito mais em forma, que seria capaz de nadar.”

Quando a noite chegou, decidiu abandonar a garrafa de oxigênio para livrar o corpo do peso desnecessário. O objetivo seguinte era sobreviver até



O resgate

Robert Hewitt foi encontrado perto da Ilha Mana, ao norte de Wellington, depois de quatro dias no mar.

O helicóptero de resgate desce um paramédico até a lancha da polícia que resgatou Hewitt.

à meia-noite, depois até a manhã seguinte. Compreendeu pela primeira vez que talvez não conseguisse. Estivera em missões de resgate de corpos na Marinha e passou a imaginar o próprio funeral. Nessa noite, novamente teve alucinações. Dessa vez, viu seus avós, que o consolaram.

Delirante, tirou os pés-de-pato e a touca. Os tornozelos estavam machucados, a pele rachada e em carne viva. Perdendo e recuperando a consciência, conseguiu vencer a manhã, quando acordou com o rosto na água, desesperado por ar. Virou-se, ofegante. Para sua surpresa, viu um barco da polícia.





A companheira de Hewitt, Rangi Ngatai – cujo nome ele gritou enquanto estava no mar –, abraça um dos homens que o resgatou.

“Vi dois caras que conheço – eram mergulhadores da Marinha, e estive-
mos juntos por cerca de 20 anos”, diz.

Os homens pegaram Hewitt, colocaram-no no barco e lhe deram um pouco de água. Deitado no convés, pediu para ligar para a noiva que, como o restante da família, sofria sem informações. Rangi dormia no momento, mas sua irmã atendeu o telefone. “Podia ouvi-la gritando ‘É Rob, ele está vivo!’”, disse Hewitt.

Desde que voltou para terra firme, a recuperação de Hewitt tem sido espi-

ritual e física. “Estou tentando entender o que aconteceu comigo”, conta ele.

Durante os primeiros dias, geralmente acordava suando frio, com o corpo expelindo sal nos lençóis. De repente, o cheiro de sal enchia suas narinas e ele se via de volta ao mar. Ou entrava no chuveiro, a água correndo sobre ele, e, em instantes, estava sozinho novamente, preso nas garras assustadoras do oceano.

Seu irmão mais novo, Russell, percebendo o medo, recusava-se a sair do seu lado. E a filha, Kiriana, de 6 anos, dormia numa cama

improvisada no chão do quarto dele. “Ela me tocava o tempo todo para se certificar de que eu estava bem”, Hewitt explica, “porque a coisa de que eu tinha mais medo era ficar só.”

Nas semanas seguintes, passou o tempo conversando, lendo e assistindo às gravações dos noticiários sobre seu desaparecimento. “Parte da recuperação é também falar com minha família sobre isso”, diz. “Eles revelaram: ‘Quer você voltasse para nós vivo, ou tivesse morrido, íamos trazê-lo de volta.’ Eles nunca desistiram. Eu também não!”

QUALIDADE PADRONIZADA

Quando passeávamos por outra cidade, algo chamou a atenção do meu filho de 8 anos.

– Ei! Nossa cidade também tem uma igreja de Santa Edwiges!

A coincidência tinha uma explicação simples, na visão do irmão dois anos mais velho:

– Devem ser da mesma franquia!

PAULA ZENTER, Canadá

